

## APRESENTAÇÃO

### O pássaro-lira x a cantilena dos “dois e dois são quatro”

Em 1929-30, o livro de Bakhtin, assinado por Volochínov, já esclarece que, no propósito de investigação científica, a reflexão lingüística (entenda-se aqui a reflexão lingüística daquela época) não só serviu ao objetivo de decifrar uma língua: uma vez essa língua decifrada, trata-se de ensiná-la. “As inscrições extraídas de documentos heurísticos transformam-se em exemplos escolares, em clássicos da língua.” (Bakhtin, 1981:99). Mais adiante, ele acrescenta que a *fonética*, a *gramática*, o *léxico*, que constituem três divisões do sistema da língua, formaram-se em função de duas tarefas atribuídas à Lingüística: uma *heurística* e a outra *pedagógica*.

Essa segunda tarefa, embora bastante rica em potencial para reflexões através de diversos prismas e, ao mesmo tempo, com um potencial de contribuição no plano social inquestionável (principalmente em países como o nosso) não tem tido o mesmo status na comunidade científica que a primeira, desde o advento da Lingüística como ciência até a presente data.

Mesmo quando o propósito é lingüístico-pedagógico, a sala de aula de língua tem servido muito freqüentemente, desde os primórdios da escola enquanto instituição, como simples lugar de receituários (termo de Bosi, 1992: 317). Sejam esses receituários ditos tradicionais, sejam eles resultantes de aplicações de modelos teóricos da Lingüística, da Pedagogia, da Psicologia ou de outros domínios do conhecimento, o fato é que eles se enquadram bem dentro da concepção de ensino como mera transmissão de conhecimentos. Essa concepção ainda se encontra em vigor em muitos contextos de ensino atualmente, apesar de algumas tendências renovadoras principalmente da Lingüística e da Pedagogia.

Nos últimos tempos, graças aos avanços da pesquisa aplicada, a sala de aula tem ultrapassado o *status* de campo experimental para ser objeto de observações etnográficas, etnometodológicas e de estudos discursivos em suas várias correntes de análise. É a descrição e análise dos fenômenos lingüísticos ou interacionais observados, ou a análise do discurso a partir de textos escritos ou orais que orientam as reflexões sobre a sala de aula nas pesquisas dessas últimas décadas.

Ao focalizar, portanto, a sala de aula neste número, tenho consciência de não estar inovando na escolha de tema tão antigo. Mas é necessário esclarecer que a exploração do tema, apesar da evolução que acabo de citar, não tem permitido avançar significativamente *a ponto de modificar as práticas escolares*. Temas como: os pontos de interligação entre teoria e prática, entre o lingüístico e o não lingüístico, entre as questões de linguagem e a formação do professor, entre o lado de dentro e o lado de fora da instituição, permanecem, na maioria das pesquisas, ainda explorados no plano da “discussão sobre”. Ainda tem sido difícil ter um olhar de dentro da sala de aula, envolver-se com a situação e com os sujeitos nela inseridos, sem, entretanto, retornar-se ao receituário.

Assim, o pássaro-lira do poema de Prévert é sobrepujado freqüentemente pela cantilena dos “dois e dois são quatro”, ou seja, nas práticas escolares muitas vezes é o conceito tradicional de transmissão e memorização de conteúdos que termina prevalecendo, em detrimento do diálogo e da criatividade.

Contudo, parece ponto pacífico, nas discussões em todos os níveis, a urgência de modificação das práticas no processo de ensinar e aprender línguas, desde o ensino fundamental até o universitário. Tal modificação requer estudos que levem em conta esse processo, considerando suas interligações com o todo da educação, visando à formação do aluno como ser social.

É obvio que a amplitude dessa questão não será esgotada com poucos estudos, muito menos no âmbito das

reflexões contidas nesta publicação. Considero, porém, que a variedade de abordagens e linhas teóricas aqui apresentadas contribuem, pelo menos, para lançar um olhar multidimensional ao tema e ainda vislumbrar suas potencialidades de exploração.

Portanto, sem a pretensão de eleger propostas unidirecionais, que estariam na raiz de mais receituários, este número reúne, em torno do tema comum **Sala de Aula de Língua**, tendências diversas, aqui representadas por artigos de alunos e professores da Pós-Graduação em Letras da UFAL e de professores da UFRN e da UFPb-Campus II. Os trabalhos estão apresentados por ordem alfabética dos sobrenomes, uma vez que a variedade de abordagens não permitiu subdivisões e dificultaria classificações que não privilegiassem uma determinada visão teórica, em detrimento de outras.

Como contribuições em torno do tema comum, temos, assim, diversas análises e reflexões: sobre as variações de gêneros textuais na escrita e suas implicações no ensino e na aprendizagem, pela professora Irandé Antunes (UFAL); sobre divergências entre professor e aluno, causadas pela diversidade cultural nas aulas de alfabetização, pela professora Denise de Araújo (UFPb-Campus II); sobre o processo de ensinar e aprender línguas e literaturas, enfatizando as vantagens da perspectiva criativa em literatura, pela professora Izabel Brandão (UFAL); sobre propostas de como tratar a variação no ensino da língua portuguesa, conciliando ensino da norma padrão e respeito às variações em uso na comunidade, pela professora Mary Francisca do Careno (UNESP/UFAL); sobre as interligações entre concepções teóricas e a prática no ensino da língua portuguesa, incluindo reflexões sobre o livro didático, por Maria do Socorro Aguiar de O. Cavalcante (professora do CEDU - UFAL e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAL); sobre propostas para a abordagem da conjugação verbal em sala de aula, numa perspectiva de ensino da norma-padrão, pela professora Renira Lima (UFAL); sobre a concordância verbal em redações de 1º e 2º grau, levando em conta a influência das variáveis lingüísticas, pelos alunos Fabiana de Oliveira e Ranieri de Mello (mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Letras

da UFAL); sobre a utilização de estratégias discursivas pelo professor, na construção do conhecimento na sala de aula (ensino fundamental), pela professora Maria Bernadete de Oliveira (UFRN); sobre a passagem do texto fonte para a produção oral (texto mediador) e desta para a escrita (texto alvo), em salas de aula de ensino fundamental e médio, pelos professores Maria da Conceição Passeggi e Luís Passeggi (UFRN); sobre as marcas das relações de poder na interação professor-alunos em contexto universitário, pela professora Maria Francisca Santos (UFAL); e sobre teorias e práticas de leitura e produção de textos na sala de aula, pela professora Rita Zozzoli (UFAL).

Registro aqui meu agradecimento aos (às) colaboradores (as) que enviaram artigos, e também um agradecimento especial às professoras Dra. Mary Francisca do Careno, Dra. Izabel Brandão, Ms. Lúcia de Fátima Santos, pela participação significativa no julgamento e na organização deste número.

*Rita Maria Diniz Zozzoli*

UFAL, novembro de 1998.